



“O NEGÓCIO É A ALMA DA COISA”

• Gilberto Safra.

ESCLARECENDO

Como é de conhecimento público, sou professor do Instituto de Psicologia e professor contratado da PUC-SP. Ao longo de meu percurso como docente sempre defendi a concepção de “Universidade” como espaço de pesquisa e como campo de discussão da produção acadêmica. Na minha forma de ver, o espaço universitário aberto é fundamental para o desenvolvimento de um pensamento crítico consistente e também para que o saber produzido pelos pesquisadores na Universidade possa chegar àqueles que com suas práticas profissionais lidam com a população no seu cotidiano. Penso que essa questão é científica e **política**. Alinho-me, portanto, com o texto da Lei 010172 de 09/01/2001 que afirma: *As Universidades constituem a partir da reflexão e da pesquisa, o principal instrumento de transmissão da experiência cultural e científica acumulada pela humanidade. Nessas instituições apropria-se o patrimônio do saber humano que deve ser aplicado ao conhecimento e desenvolvimento do País e da sociedade brasileira.*

Embora a docência, na atualidade, seja pouca valorizada pelos órgãos de fomento à pesquisa, considero que a docência ao nível da graduação e da pós-graduação é o grande eixo em que o espírito universitário acontece. Meu objeto de investigação é a clínica contemporânea e as novas formas de subjetivação. Esse é um tema que instiga muito os clínicos na atualidade.

Nas disciplinas que ministro procuro sempre apresentar o que estou investigando naquele momento, o que faz com que sempre haja abordagem de novos ângulos do problema em foco. Por essa razão, desde que comecei minha carreira docente, na USP e na PUC, sempre permiti, se houvesse lugar físico, que pessoas interessadas nos temas tratados nas disciplinas assistissem às aulas, apesar de, às vezes, elas já serem profissionais, e não estarem necessariamente oficialmente matriculadas na instituição de ensino em que a disciplina era ministrada. Assim, já tive alunos da USP assistindo aulas na PUC e vice e versa, e também alunos da Pós assistindo disciplinas da graduação e por sua vez alunos de graduação assistindo aulas na Pós. Tenho observado, ao longo dos anos, o grande benefício desse expediente para a qualidade das aulas e para a discussão crítica do conteúdo ministrado. Essa experiência tem me levado a considerar que a criação na Universidade de um Centro de Formação continuada em Psicologia Clínica seria algo de grande valia. Concebo esse centro como um espaço com interface para a graduação, para a Pós e para os profissionais já formados.

Esse tipo de perspectiva levou a que um grupo de profissionais e alunos acompanhasse minhas aulas nas Universidades ao longo dos anos. Esse grupo é composto por alunos, ex-alunos da USP e da PUC-SP, profissionais do Sedes, da Sociedade de Psicanálise e de outros Institutos Universitários.

Um expediente criado por esse grupo de pessoas foi gravar as aulas para

que pudessem ser transcritas e repassadas para os colegas, que não haviam tido a possibilidade de assisti-las, em decorrência da falta de espaço físico, ou incompatibilidade de horário. Há cinco anos atrás, houve um comunicado da direção da PUC-SP indicando que receber alunos não pagantes estava proibido. A prática de receber alunos não pagantes era utilizada por alguns professores, que também tinham concepções sobre a Universidade semelhantes àquela que expus acima.

Para sair desse impasse, o grupo de pessoas que acompanhava os meus cursos achou que um modo de resolver a questão seria gravar as aulas em vídeo, para que pudessem ser assistidas em outro horário. Essas pessoas organizaram-se e passaram a cotizar entre eles os custos das filmagens dos cursos. Esses vídeos eram passados em dois endereços em São Paulo, para que todos pudessem assistir às aulas. Ao mesmo tempo, fizeram de todos os cursos e palestras cópias em vídeo e DVD, que foram doadas às Bibliotecas da USP e da PUC. Até o momento foram produzidas cerca de 150 fitas de vídeo, que se encontram disponibilizadas nas bibliotecas para quem quiser assisti-las. Muitas das aulas foram transcritas e o mesmo grupo, com recurso próprio, inseriu uma página na Internet, para facilitar a comunicação entre eles e também para disponibilizar aulas transcritas. Outras pessoas juntaram-se a esse grupo e por sua participação na cotização dos custos e recebiam também a transcrição das aulas e palestras. Com as contribuições que levam

(continuação)

taram entre eles adquiriram uma câmera de filmagem, para que conseguissem filmar as aulas com um custo mais baixo.

No segundo semestre de 2004, foi fundado um braço no Laboratório de Estudos Sobre a Intolerância coordenado pela Prof.a Dr.a Anita Novinsky, da História da USP. Trata-se de um grupo de pesquisadores que pretende investigar a questão da Intolerância pelo vértice psicanalítico. Solicitaram-me que ministrasse um mini curso que abordasse a questão da Investigação em Psicanálise. O referido laboratório foi gentil, o suficiente, para organizar o mini-curso, fornecer a estrutura de apoio (daí a menção do artigo do Boca ao fone e ao e-mail da USP) para a sua realização e permitir que a verba levantada ficasse para o custeio das atividades de filmagem e da publicação das aulas realiza-

das pelo grupo que tem me acompanhado.

No início das atividades letivas do semestre, na disciplina Teorias e Técnicas Psicoterápicas, havia algumas pessoas desse grupo na sala para proceder à filmagem do curso. Eles passaram uma folha de papel pela sala com a instrução de que aqueles que quisessem receber informações sobre as aulas e fitas que ficassem disponíveis escrevessem o seu e-mail para que a comunicação fosse feita. Embora a situação da filmagem foi apresentada à classe desde o início, o meu engano foi não ter passado à classe o histórico da questão da filmagem desde o primeiro dia de aula, o que fez com que surgissem incômodos e informações equivocadas. O que só foi esclarecido algumas aulas depois.

Assim sendo, qualquer aluno pode assistir às aulas em vídeo sem

ônus algum, pois estão todas na biblioteca. Os cento e sessenta reais mencionados no artigo publicado no Boca refere-se à possibilidade que tem existido, até aqui, de que alguém participe do grupo que promove as gravações em vídeo e receber as aulas transcritas. O grupo tem trabalhado sem remuneração alguma, por meio de trabalho voluntário, em uma perspectiva comunitária. Respeito e sou grato ao trabalho dessas pessoas, por terem, inclusive, me facilitado o trabalho de publicação de meus artigos e livros, ao me fornecerem a transcrição de minhas aulas e palestras.

Nessa situação, posso afirmar que o negócio não é alma da coisa. Esse foi um movimento de resistência que surgiu para manter o espírito universitário contra a preocupante e crescente tendência de mercantilização do conhecimento e da educação.

A teoria e a Rosa

Léo (03)

Um poema pra ela que passa,
Quase que cheia de graça.
Pois na ausência da paisagem litorânea
Ela, cheia de beleza e de manha,
Rouba meu olhar por instantes gigantescos.
Até que então...
Que droga!
Volto a hermenêutica,
Mas a linguagem hegeliana
Se perde em meu pensamento
Tão romântico, tão distraído
Ah se já tivesse tudo lido,
Dirigiria meus momentos
Àquela garota que passou
Fazendo de um momento somente
Um alívio imediato da mente,
Que chora, surta e mente,
Em troca de um punhado de Amor...
E da paz que a teoria nos rouba
A cada frase que lemos

Catador de papelão

João Rodrigo I. Matsumoto (03)

O dia com clima ameno, ensolarado,
Ambiente propício para trabalhar,
Recolhendo papelões e material desfigurado
E inserindo-os no veículo rudimentar.
Verdadeiro emprego escravo,
Praticamente o dia todo na ativa é traduzido
Com um desprezível benefício, bravo
O trabalhador, que pelo miserável ganha pão é seduzido.
Para piorar, tem sua família para sustentar,
O benefício torna-se insuficiente,
Controla o ganho, que dá apenas para se alimentar,
Aprendeu com o tempo a se contentar.
A noite desponta, as baixas temperaturas de inverno é um temor,
Sua moradia improvisada é debaixo de um imenso viaduto,
Um cobertor surrado é insuficiente, sente dor
Nos ossos pelo clima gélido, com o frio, precisa ser astuto.
Acostumado com sua precária realidade,
Não reclama deste seu fatídico pormenor,
É um vencedor, luta com força de vontade,
Jamais esquecendo de sonhar com uma vida e um mundo melhor

Até a Uva Passa ...- resposta ao comentário do Israel

sobre meu texto "Tempos de Sexo Burguês"

Patricia Rabaça (03)

Caríssimo Israel, nossa, quanta formalidade! Bem, eu não queria dizer mas... já que você descobriu... acho que sou esquizofrênica!!!

Bem, aquele texto lá foi escrito em duas etapas, na primeira, a que você chamou de prosa, eu apenas quis desabafar num momento em que me senti não apenas uma mercadoria, mas... uma mercadoria barata! Concordo com ele e acho que cada vez mais a galera acha que gente é produto... ainda que sem consciência disso.

Na segunda, que é a que você reproduziu no seu texto, eu tinha acabado de conversar com um amigo meu que falava de como o sexo também é usado como forma de poder para manipular as pessoas, como as regras de "como e com quem fazer" ajudam a anestesiarem e docilizar a população, que não utiliza sua libido com liberdade e tal (um papo Reichiano).

Com a palavra "imaginar" eu não quis dizer o que você entendeu, eu só quis dizer que a maioria das pes-

soas têm dificuldades em aproveitar o que está acontecendo mesmo ali na hora e precisam imaginar outras situações, fantasiar algo para se excitarem e tal ... Não quis me referir a questão do tempo, a imaginar um futuro, e nem a questão do simbólico, que é linda (mas deixa a gente meio denso e chato). Só quis dizer que é legal viver aquilo com o outro, criar o que está acontecendo em conjunto, o corpo tem tantas possibilidades, etc...

Aí me dei conta do vento, que leva e trás pessoas e coisas em nossas vidas e comecei a achar que meu texto (o primeiro) estava muito conservador, foi quando juntei os dois para ver se eu achava um meio termo ... Mas na verdade eles eram de dois momentos diferentes, só juntei para não me sentir tão careta assim, sabe?

Cheguei a conclusão de que para aprendermos a trocar as coisas e as pessoas, temos que desaprender a "descartar", que foi o que eu quis dizer com "jogamos o

velho no lixo". Sim, a hora de mudar sempre chega, mas como diz aquela música:

"QUANDO PENSO NO FUTURO NÃO ESQUEÇO MEU PASSADO."

É valorizando o que tivemos e o que já nos aconteceu que saímos desse ciclo de consumo do outro. É vivendo o "se comer sem nada imaginar" (estando realmente com a pessoa que está na sua frente), é resistindo a essa cultura que só dá conta de viver as emoções no cinema que encontramos um meio termo. É nos lembrando... as pessoas se esquecem das coisas muito fácil, por isso que nada anda.

E isso em tudo, na política, nos relacionamentos, em tudo: VIVA A MEMÓRIA!!! Mas sem melancolia é claro!

Gostaria de acabar o texto com a frase final do filme "Meu tempo é hoje", mas pra não estragar a surpresa de quem nunca assistiu... fica a dica !!

VEM AÍ O V BIFE!!!!

A.A.A. Busilis

O BIFE é uma competição entre 9 faculdades da USP: as fundadoras Biologia, IME, FAU e ECA e as convidadas Física, FFLCH, Geologia, Veterinária e a Psico, que esse ano fará a sua terceira participação. Aliás, a Psico tem se destacado cada vez mais nessa competição ficando em 5º lugar ano

passado!!! Como não podia deixar de ser, além dos jogos também rolam as baladas e o BIFE acaba sendo uma ótima oportunidade de estar com a galera aqui da faculdade e conhecer o pessoal das outras.

Este ano BIFE acontecerá nos dias 13, 14 e 15 de novembro (feriado!!!) e aqueles que estiverem a fim de jogar e/ou viajar e se divertir com a galera fiquem ligados que em breve o pessoal da Atlético estará nos corredores vendendo os kits que além de uma camiseta, contém também a pulseirinha que permite o acesso aos alojamentos, aos jogos e às baladas.

COMISSÃO ORGANIZADORA DO BOCA

Danilo Silva Guimarães (01), Fernanda Silva Gonçalves (03), Guilherme Gibran Pogibin (98), Jonas Boni (02), José Israel Guedes Rodrigues (01), Patricia Ferreira Rabaça (03) e Tânia Lisboa Machado (03)

Diagramação: Jonas Boni (02)

O BOCA publica textos com autoria identificada, recebidos no boca@yahoogrupos.com.br até às 12h do domingo, como anexo da mensagem do seu encaminhamento e no formato MS-Word.doc, observando-se a ordem do recebimento e o limite máximo de 5000 caracteres (inclusive espaços) por texto, quando o número de páginas previsto para a edição impuser a necessidade desse limite. Há mais normas operacionais, tanto para o recebimento de colaboração, quanto para a sua edição, que serão informadas sempre que haja solicitação específica. A responsabilidade pelas opiniões e informações publicadas é inteiramente dos respectivos autores.

A C. O. do BOCA reúne-se toda terça-feira às 12:30min, à sombra do Ipê em frente da Biblioteca do IP. PARTICIPE!!!

Para uma crítica do SAP

(PARTE III: Considerações Finais)

Ricardo Silva (Pós - PST)

Como apontamos antes, o SAP padece de uma **crônica deficiência teórica** que pretendemos discutir aqui. Notemos que foi o arcabouço ideológico da cultura americana que forjou a síntese entre pragmatismo e existencialismo, diluindo o vigor das filosofias de Sartre e Heidegger em uma panacéia de banalidades tão ocas quanto um bule e personificadas na imagem de uma figura que encarna bem, em sua superficialidade, o *american way of life (and thinking)* - Carl Rogers. Convém notarmos também que **o existencialismo é uma filosofia e não uma psicologia** (por mais que Sartre às vezes faça algumas incursões pelo campo dos fenômenos psíquicos), e que provém daí boa parte da sensação dos alunos de AP de que não existe uma teoria consistente por detrás de todo aquele falatório repetitivo e banal das supervisões. **A impressão não é errônea, mas trata-se mais de estrabismo ideológico que de inépcia dos professores.**

Sabemos bem que qualquer teoria apartada de seu objeto e da realidade em que ele se insere termina inevitavelmente por recair num sistema de delírios. Mas a ação no mundo sem uma teoria capaz de pensar o existente fracassa por não conseguir transcender a realidade aparente. O descaso do SAP para com elaborações teóricas sofisticadas, que ele entende como **esnobismo estéril de intelectuais entediados** o faz migrar para o extremo oposto, fazendo-o recair nas malhas do anti-intelectualismo. O pensamento deve mergulhar no objeto para depois sair dele rumo à abstração teórica, esforço do espírito que, partindo do real, consegue ultrapassá-lo. **É exatamente deste segundo estágio do conhecimento que o SAP não consegue dar conta, por tão atrelado que ele**

está em uma **psicologia ingênua e do senso comum**, bem como na versão vulgarizada do existencialismo e da fenomenologia como parece ser o caso da obra de Carl Rogers. Daí sua apologia necessária de uma terapia de "suporte", obviamente não analítica.

E, se não resistirmos a uma análise semântica do SAP, entendido como um **SERVIÇO DE ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO**, notamos que a escolha do termo "aconselhamento" (que significa: 1. ato ou efeito de aconselhar. E *aconselhar* por sua vez significa: 1. dar conselho a; 2. indicar a vantagem de; 3. recomendar. Enquanto que *conselho* significa: 1. advertência que se emite; 2. aviso) não poderia ter sido mais **INFELIZ**, por mais que bastante apropriado àquilo que o serviço se propõe. Seu caráter **assistencialista e meramente paliativo** fica muito bem delimitado pela escolha dos termos, e por mais que a teoria entenda o "conselheiro" (1. aquele que aconselha) de uma outra forma, o dano é irremediável. Como poderemos convencer nossos pacientes de que não estamos ali para "dar conselhos" se tal função está explícita no próprio nome do serviço?

Outro problema do assistencialismo em psicoterapia é a utilização ambígua de seus fins. O mero assistencialismo terapêutico atua a favor da sociedade repressiva recuperando a saúde psíquica daqueles que buscam seus serviços no intuito de reintegrá-los à mesma sociedade que fez com que estes adoecessem, e o faz sem qualquer "esclarecimento" verdadeiro, posto que o assistencialismo não busca esclarecimento, mas adaptação e conformismo. Note-

mos ainda que boa parte do atendimento psicológico oferecido à população mais pobre parece seguir esse exemplo, exatamente por ser mais rápido e, portanto, aplicável em larga escala (numa espécie de *engenharia social-clínica*). Mas essa "técnica" segue de perto a máxima de que, para pobres, um atendimento de pobres (já que a psicanálise, como se sabe, não é massificável). Além do mais, não existe a necessidade mesmo de esclarecê-los.

Gostaria de propor, finalmente, a todos aqueles que percebem as deficiências do SAP, que organizemos uma ampla discussão em torno do tema. O SAP não pertence aos seus fundadores e nem a seus atuais professores e técnicos, ele pertence a todos nós, e somos nós quem deveremos decidir o seu destino, e o destino de nossa formação. **Não estou com isso pregando o fim do serviço**, mas sim sua transformação em algo que consiga responder às nossas necessidades e às necessidades da comunidade que faz uso dele.

Porque enquanto a psicologia **naïve** (ingênua) do SAP prossegue **subestimando** a importância das análises teóricas em enformar eficazmente nossa ação no mundo, pensando que é possível uma **pura práxis**, tal práxis será sempre cega. E a **práxis cega cedo ou tarde acaba por trair suas intenções humanistas**, verdade essa que a história não cessa de nos ensinar. E que o SAP insiste em não aprender.

E-mail:

psicologia.usp@bol.com.br

O Cordeiro Pascal

(BUSÍLIS, 00)

"Quanto ao trabalho intelectual, permanece um fato, na verdade, que as grandes decisões no domínio do pensamento e as momentosas descobertas e soluções de problemas só são possíveis ao indivíduo que trabalha em solidão"(Sigmund Freud, em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, cap. III)

Uma profecia: mantenha a tua loucura sempre sadia, do contrário, adoecerá, adoecerá, até a mais profunda apatia.

Senhoritas, senhores, muito prazer. Há algum tempo, ouvi assim, uma voz popular: "Agora, vou batalhar, batalhar, e vencerei na Vidal!". Indagou então o "X da questão": "Ora, contra quem é esta batalha? Quem é o teu inimigo?".

Aldous Huxley, que também é autor de 'As Portas da Percepção', logo no início de seu ensaio intitulado "Pascal", assim escreveu: "Se escolhi escrever sobre ele é porque, seja por implicação em sua vida seja por seus escritos explícitos, ele suscita quase todos os grandes problemas de filosofia e de conduta. E suscita-os com extrema mestria. Nunca antes o processo da vida foi colocado com tanta sutileza, tanta elegância, tanta reflexão persuasiva e com tão admirável concisão. Ele explorou a mesma região que estou explorando agora: chegou, viu e achou-a abominável. Ele o disse exaustivamente, pois seus olhos argutos viram tudo. Tudo que de sua parte podia ser dito, ele disse. E seus relatos acompanharam-me em minhas viagens psicológicas; foram o meu guia turístico. Comparei suas descrições com os lugares originais, seus comentários com minhas próprias reações. E na margem do guia turístico anotei algumas reflexões. Este ensaio é feito delas. Só incidentalmente é que Pascal constitui seu assunto".

Bom, faz algum tempo que, do ponto de vista psicológico, Pascal tem acompanhado as minhas viagens. E não se trata de ler o que ele escreveu e depois tentar ver e sentir isso "no mundo real". Na verdade

é uma coisa quase mágica, de ler e pensar "takeu! Como eu gostaria de, que seja, por trinta minutos, conversar com essa pessoa!". Tenho quase certeza que seria bastante terapêutico, ou não. Bom, mas isso não tem tanta importância agora.

Já devem ter percebido que este não é um texto linear, e não pensem que eu talvez esteja pensando assim "ora, danem-se os leitores!", como achavam alguns há alguns anos. Por outro lado, eu pergunto pra vocês: Por que vocês lêem? Digo leitura em geral.

A palavra "mestre", para mim, tem um sentido que difere do simples "professor", ou "aquele que transmite um saber". "Mestre" de maneira alguma se refere à transmissão de um conhecimento em particular. E ainda que desde pequenininho eu tenha aprendido que existe a Biologia, a Matemática, a Física (no dispositivo "disciplina-dor" denominado "escola"), aquilo que se transmite através do dispositivo "mestre-aprendiz" não diz respeito a nada disso.

E, em relação à minha primeira mestra, leio estes versos de Omar Khayyám: "Não deixes teu saber magoar os outros, / vence-te, e a tua cólera, também; / e terás paz, se em te ferindo a sorte / tu gargalhares – sem ferir ninguém." Genial!

Só para ser trágico e obscuro, eu direi: um mestre "morto" também orienta. Entre aspas porque eu sempre me pergunto "ora, morte?". E, bom, Pascal é interessante sob alguns aspectos. Todos estudamos Pascal no colégio, lembram do "Triângulo de Pascal"?:

```
1
1 1
1 2 1
1 3 3 1
1 4 6 4 1
```

E assim por diante. Costumam dizer de Pascal: Matemático, Físico, Místico, Cristão. Ser Humano. Porém, a questão da Morte, da Existência, também. Diz Huxley no mesmo ensaio: "Um homem que apreendeu a idéia do infinito, não apenas intelectualmente mas também com todo o seu ser, que o apreendeu através da percepção íntima e apavorante da morte, esse homem habita um universo diferente daquele que é próprio do homem para quem morte e infinito não passam de simples nomes".

É claro, "homem" aí significa "ser humano", por exemplo Clarice Lispector, fantástica. O legal de Clarice Lispector é que é possível amá-la, porque por ser mulher, complementa. Óbvio, digo isso por mim.

Para aparentemente terminar, uma das mais conhecidas de Pascal: "Que é o homem dentro da natureza, afinal? Nada em relação ao infinito; tudo em relação ao nada; um ponto intermediário entre tudo e nada. Infinitamente incapaz de compreender os extremos; tanto o fim das coisas como seu princípio mantêm-se ocultos num segredo impenetrável, e é-lhe igualmente impossível ver o nada de onde saiu e o infinito que o envolve."

E também: "Em verdade afirmo que, se os homens todos soubessem o que uns dizem dos outros, não haveria quatro amigos no mundo."

(12-10-2004)

UMA QUESTÃO DE REPRESENTATIVIDADE

José Israel (01)

Franz Boas, segundo Lévi-Strauss (*in* "Antropologia Estrutural"), relata uma questão entre xamãs, recolhida na cultura indígena Kwakiutl (na região de Vancouver, Canadá).

O índio Quesalid não acreditava no poder de xamãs, antes, os considerava fraudulentos e pretendia desmascará-los. Então, passou a ficar sempre próximo ao grupo de xamãs de sua tribo, a demonstrar-lhes interesse pelo que faziam, até que foi convidado por um deles para se integrar ao grupo e ser iniciado no xamanismo.

Quesalid logo aprendeu tudo o que faziam os xamãs, especialmente o que lhes era exclusivo, como pantomimas, prestidigitações e simulações de desmaios, crises nervosas, vômitos voluntários e a ocultação de um pequeno tufo de penugem em sua cavidade bucal, o qual, como finalização de um ritual de cura, era, devidamente ensangüentado (mediante uma conveniente mordida da própria língua) expelido como prova do sucesso na extração da doença. Também aprendeu a valer-se de pessoas encarregadas de escutar dissimuladamente conversas privadas e de interesse para os xamãs e de relatá-las a ele discretamente.

Quanto mais Quesalid aperfeiçoava-se enquanto xamã, mais se confirmavam suas piores suspeitas, porém, ele transformara-se e não mais se sentia livre para as denunciar. E, pior, começou a ficar famoso mesmo na condição de aprendiz. Os doentes sonhavam com ele, procuravam-no e ao serem atendidos obtinham a cura. Ele recusava-se a cobrar por seus serviços prestados, pois era para ele parte do seu treinamento e **achava que seus bons resultados decorriam apenas da expectativa favorável dos pacientes.**

Um dia Quesalid assistiu a uma sessão de curas feita por alguns xamãs de uma tribo Koskimo da mesma região e verificou que eles ao concluírem o ritual de cura cuspiam um pouco de saliva nas próprias mãos. Também viu que alguns clientes não se sentiam curados após a cuspid. Então ele solicitou permissão para utilizar a sua técnica e curar um dos doentes resistentes. Ele recebeu a autorização, exe-

cutou o ritual e o cliente declarou-se curado. Os xamãs Koskimo, além de se sentirem humilhados diante do sucesso de Quesalid, ficaram perplexos ao virem que ele extraía a doença sob a forma de um objeto sangüinolento. Para eles, qualquer doença tinha somente natureza espiritual, assim, nada havia que mostrar. Esses xamãs questionaram humildemente o porquê do objeto, mas não receberam resposta de Quesalid que alegou estar ainda em aprendizado e proibido de revelar seus segredos.

De volta a sua aldeia, Quesalid prosseguiu em sua carreira, muito conceituado, **agora defendendo a sua técnica da penugem ensangüentada, relevando a natureza falaciosa dela, da qual era tão crítico inicialmente. Haveria xamãs verdadeiros?** Segundo ele, "Uma vez apenas, vi um xamã que tratava os doentes por sucção [em seus corpos]; e não pude jamais descobrir se ele era um verdadeiro xamã ou um simulador. Por esta razão apenas, eu creio que ele era um xamã: ele não permitia àqueles que havia curado que lhe pagassem. E em verdade, eu não o virir uma única vez".

A interpretação de Lévi-Strauss é que os confrontos, vivenciados por Quesalid, colocou este em contato com muitas modalidades de falso-sobrenatural, as quais o levaram a perceber que algumas eram menos falsas do que outras, pois, a técnica dele, embora falsa, pelo menos apresentava ao cliente a doença que lhe fora extraída, sob forma visível e tangível, enquanto as dos demais xamãs nada apresentavam e pretendiam ter extraído o mal. **Quesalid teria assim vivenciado um dilema também comum no desenvolvimento da ciência: dois sistemas oferecem soluções relativamente inadequadas a um problema, porém, um deles apresenta um valor diferencial do ponto de vista lógico e experimental.** Como deverão ser julgados esses sistemas de solução? Qual o parâmetro? A decisão deve ser tomada com base no próprio sistema de referência de cada sistema de solução? Mas, e se neles se utilizam valores distintos na teoria e na

prática? Como compará-los? O parâmetro é o pragmático, o dos resultados? Os resultados das curas seriam determinantes por si sós, se estão influenciados pelo estado psicológico dos clientes, pelas expectativas destes quanto ao poder de cura do xamã? **Quesalid tornou-se um grande xamã porque curava seus clientes, ou Quesalid curava seus clientes porque se tornara um grande xamã?**

Para Lévi-Strauss, o complexo xamanístico apresenta três elementos indissociáveis, abstraídos da experiência – o xamã, o doente e a coletividade – que podem ser organizados em torno de dois pólos: o da experiência do xamã e o do consenso coletivo sobre o xamã. Genericamente, os xamãs acreditam em sua missão, visto que ela está fundamentada em experiências positivas específicas, e, quando determinado xamã fracassa freqüentemente em seus rituais, deixa de polarizar em torno de si a confiança da comunidade, a qual, assim, pode constituir-se em torno de um outro xamã.

Metaforizando o relato do Franz Boas para a tribo de psicologuinhos/aiuspianos, destacadamente nos últimos anos, em que se assiste a uma crescente individualização dos seus interesses acadêmicos, a qual se reflete no relativo marasmo do corpo discente frente às grandes questões domésticas do IPUSP e da atuação deste em outros cenários, pergunta-se em relação a esta tribo: 1. Ela tem xamãs? 2. Se tem, suas técnicas xamanísticas são eficazes? 3. Existe consenso coletivo sobre a necessidade de respostas positivas às duas perguntas anteriores? 4. O que é preferível? Um xamã que entenda que utiliza técnicas artificiais e tenha fortes impulsos para denunciá-las, abandoná-las, mas se contenha diante de alguns bons resultados obtidos para seus clientes? Ou um xamã que se proponha utilizar exclusivamente uma prática natural e correr o risco de deixar seu clientes com pouco ou nenhum resultado positivo?

NOTAS DIVERSAS

José Israel (01)

CONVITE DA REITORIA

O BOCA de 22.09.04 (o de nº 18, que foi distribuído na segunda-feira, dia 04.10.04) trouxe, como artigo de capa, um texto de Tânia Lisboa (03): "MENÇÃO HONROSA PARA O IPUSP", em que se informou que o IPUSP foi indicado para receber uma menção honrosa pela sua recepção dos calouros deste 2004. O texto descreveu o conjunto de esforços

desenvolvido no IPUSP para bem recepcionar e com civilidade seus novos calouros e citou especialmente a Diretoria, a Comissão de Graduação e os Alunos, estes representados por suas entidades, como a COMISSÃO DE RECEPÇÃO DOS CALOUROS, o C.A.I.I., o BOCA, o NAC, o IPÊ-RECICLA, a ATLÉTICA BUSILIS, o CURSINHO DA PSICO.

No próximo dia 21, quinta-feira, às 10h, haverá a cerimônia de entrega de prêmio e de menções honrosas, na Sala do Conselho Universitário (Rua da Reitoria, 109 – Cidade Universitária – São Paulo), e o pessoal do IPUSP lá

estará atendendo ao Convite da Reitoria abaixo transcrito:

"O Reitor e a Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo têm a honra de convidar V. Sa. para cerimônia de entrega do prêmio "Semana de Recepção dos Calouros 2004" e Menções Honrosas, conferidos às Unidades que mais se destacaram nas atividades desenvolvidas para a recepção dos novos alunos da USP em 2004."